

PSICOPATOLOGIA DA PESTE

Júlio Conte
Médico psicanalista, diretor de teatro, dramaturgo, membro
pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre,
membro fundador do Instituto Wilfred Bion, Porto Alegre.

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Conte J. (2020) PSICOPATOLOGIA DA PESTE
Intercambio Psicoanalítico 11 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.2.1/
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

PSICOPATOLOGIA DA PESTE

Júlio Conte¹

1 Médico psicanalista, diretor de teatro, dramaturgo, membro pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, membro fundador do Instituto Wilfred Bion, Porto Alegre.

“A realidade objetiva das partículas elementares não some dentro de uma nuvem obscura de uma realidade incompreendida, mas na transparente claridade da matemática que representa não mais o comportamento das partículas elementares, senão, mais do que tudo, nosso entendimento deste comportamento.”

(Werner Heisenberg)

Resumo: A partir da vivência da Pandemia, o autor desenvolve uma sequência de leituras sobrepostas, como camadas inconclusas de pensamentos que tratam de ampliar interpretações provisórias da Peste em curso. A civilização em choque com a instabilidade e incerteza do sistema mundial, o mal-estar da civilização em contato com a morte iminente potencializa os três impactos no narcisismo sustentado por Freud. A morte entra em cena como quarto elemento. O impacto da nossa fragilidade. O que era sólido se desmancha no ar. A Peste é o fator desencadeante de uma investigação na peça Édipo Rei, parte da busca do assassino de Laio, evolui da pergunta “quem matou?” para “quem eu sou?”. O Édipo epistemológico de Bion cria um diálogo com o crime sexual deslocado para o conhecimento. Antonin Artaud, em “O teatro e a peste”, traça, por analogia, os parâmetros para a psicanálise perante a morte iminente. Considerações sobre a natureza evolutiva do vírus, entre o vivo e o não vivo, ameaçam o topo da cadeia evolutiva. O homem se defronta com a dupla vicissitude de uma cesura da evolução, cena primária e cena final. O terror do que vê imobiliza e, no confinamento, nos identifica com o Homem dos Lobos, desperto de um sonho e em contato com uma realidade brutal. O Édipo elementar discutido numa nova camada. A pandemia no plano social espanta com o pandemônio de versões entre o obscurantismo/fanatismo e a ciência/razão. Analisa o efeito, a mentira tão letal quanto a Covid-19. Pensamentos que não se pensam, mas se replicam como o vírus, dobrando a virulência. A psicopatologia da peste abre questões para a psicanálise possível num pós-pandemia. A pós-psicanálise de um mundo incerto.

Palavras-chave: Pandemia. Peste. Teatro. Psicanálise. Mentira. Incerteza.

E PUR SI MUOVE!¹

Diante da pandemia, o sujeito se torna aquilo que sempre deveria ter sido, caso não estivesse adaptado à vida normal, estruturado em certezas e tomado pela ilusão de segurança. O trabalho da cultura é mitigar a violência intrínseca da natureza. Neste confronto contra o movimento randômico do acaso se estabelecem os parâmetros da vida civilizada. Temos produtos da cultura, educação, saúde, arte, economia, direito e psicanálise com o intuito de estabelecer uma plêiade de bens imateriais, tais como solidariedade, empatia e compaixão, sustentando pilares éticos e estéticos.

A cultura, no entanto, tem, para cada processo de superação das adversidades, repressão e sublimação, a sequela do mal-estar dentro de si. A pré-concepção inata do seio funciona como ciclos expectantes. Na primeira volta teríamos, para além do seio, o casal criativo; para além deste, o laço social; e, além mais além, a expectativa de uma mente criativa que sustenta a confiança e retoma o argumento circular, reiniciando o ciclo.

A renúncia inevitável dos impulsos mais primitivos sustenta o acordo social. O acordo é celebrado através das palavras, gestos, afetos e ações que conferem confiança na correlação entre a verdade apreendida e a interpretação dos fatos. A relação de sinceridade e confiança gera intimidade. No entanto, quando o sistema de verdades sofre erosão em algum destes ciclos de concepções, as bases agonizam. O desequilíbrio externo traz à tona as dúvidas e o sofrimento se torna manifesto e sufoca o mundo interno afetado pela Peste.

Singular e no plural, no entanto, se move.

CAMINHAR SEM CHÃO

Qualquer caminho que se ande, qualquer coisa que se fale, escreva ou pense será um caminhar sem chão, tateando na incerteza. O pensamento arranha os fatos, não o alcança. Restringe-se a uma tentativa de tradução que vai se revelar parcial e subjetiva. Fragmentos no âmbito da singularidade da experiência, mas isso de modo algum torna os fatos em fatos, e sim revela o desafio de traduzir o intraduzível. Não sabemos dos fatos, mas sim das teorias que temos a respeito deles, nosso entendimento dos fatos. Organizar os eventos reais em mundo psíquico se revela um exercício singular, parcial, indicando a essência da incompletude, que paradoxalmente se apresenta como fonte de criação perante o mal-estar da nossa civilização.

¹No entanto ela se move". Frase supostamente murmurada por Galileu Galilei em 1633 ao renegar a visão heliocêntrica diante do tribunal da Inquisição.

QUARTO IMPACTO SOBRE O NARCISISMO

A civilização teve, segundo Freud, três teorias que produziram grande impacto sobre o narcisismo da humanidade. Cita Nicolau Copérnico com a visão heliocêntrica, Charles Darwin com a teoria da evolução e a si mesmo com a teoria do inconsciente. Estes três choques do narcisismo produziram uma descentralização do sujeito e a necessidade de se reinventar.

A pandemia, esta nossa nova-velha conhecida, veio para potencializar estes choques, simultaneamente a se constituir um baque por si só. A Peste evoca a lembrança sempre excluída da Morte iminente. A morte, personagem invisível, surge então no cenário, fulgura como o quarto elemento. O personagem que espreita silencioso na trama, sempre presente, no entanto. Em todas as histórias espectro que vem de longe, aquele que vive nas sombras, aquele que anuncia um país distante do qual nenhum viajante jamais retornou.

A peste presentifica a essência da finitude. Pode ser que nunca tenhamos estado tanto em contato com a morte, tanto como estamos hoje. Nos meios de comunicação é um número, uma curva, uma tendência, uma atitude, um decreto e uma lei. Confronto direto e diário em intensidade máxima.

A pandemia reativa os choques produzidos pela revolução copernicana, darwiniana e freudiana, constituindo em si o quarto choque no narcisismo, descortinando a turbulência de um mundo tão natural e, de repente, não mais que repente, confinado em distopia.

A VOZ SILENCIOSA DA MORTE

Numa aula de dramaturgia apresentada no MasterClass, David Mamet, escritor americano, relata duas narrativas. Na primeira, ele se refere metaforicamente como a voz do Profeta, aquele que tem a palavra como poder e com ela define a vida; na segunda narrativa, o silêncio que complementa as palavras do profeta é Morte.

Toda narrativa é composta de palavras e silêncios. Uma lógica de contrastes complementares. Análoga à música em que uma sucessão de notas produz harmonia, num ritmo resultando na agradável sensação de eternidade. Na perspectiva, a música como uma sucessão de pausas que, se escutadas, produziriam a sensação de vazio e tédio. O silêncio é ponto que confere, no fim, sentido para a frase. As palavras sem ar morrem sufocadas. A morte como um narrador oculto escondido nas entrelinhas. Invisível, convoca, convida.

A peste põe em cena a visibilidade da Morte.

A PESTE EM ÉDIPO

A tragédia Édipo Rei tem como disparo da trama a peste. Os cadáveres insepultos exalam humores e odores demandam investigação. A Peste resulta da outra morte não esclarecida, o assassinato de Laio. Édipo, o decifrador de enigmas, insiste na investigação que resultará na descoberta de si mesmo como autor e, conseqüentemente, revela sua verdadeira identidade. Sem alternativa senão investigar o crime, mergulha nas peripécias e revela-se a falha trágica do herói, sua arrogância. O esclarecimento do crime vai levar Édipo a viver a intensidade do terror e compaixão, ao mesmo tempo que produz na plateia a Catarse. A tradução do mito se explicita na medida em que as descobertas colocam luz sobre um crime sexual que abre espaço para o processo de auto-conhecimento. A investigação psicanalítica ganha novos contornos sob a leitura de Wilfred Bion que ficou conhecida como Édipo Epistemológico. O deslocamento do vértice sexual para o Conhecimento de si mesmo se apresenta numa evolução essencial em direção à verdade. Mais além de saber “quem matou Laio?”, o caminho da investigação evolui para a descoberta de “quem eu sou”.

Há um indecidibilidade entre crime sexual e a revelação da própria identidade.

TERROR SEM NOME

A pandemia, assim como a Peste em Tebas, se atualiza no desafio a pensar quem somos. Na Internet, nos jornais, nos noticiários, a peste está cheia de palavras. Saturadas pelas ideologias subjacentes aos problemas, perdem, no entanto, sua força. Não é a voz que fala nem que silencia. As palavras não falam, preenchem vazio. Não esclarecem, confundem.

A perda do valor simbólico enaltece a Morte, aquela que não fala e ocupa o centro da ação dramática. Ganha um número que nos identifica. Ganha forma e nome. Do mesmo modo que a peste revela o crime não resolvido da morte de Laio, a pandemia convoca nossa reflexão. Há anomia na morte que vira um número. A resposta mais simples é atribuir um culpado. Uma ideologia, uma teoria que visa estancar a reflexão. A função do pensamento é criar vínculo. O terror sem nome, conceito de Wilfred Bion, dá conta de uma comunicação via identificação projetiva que falha e explicita a dificuldade de absorver algo devastador. A violência das emoções primitivas sobre as quais construímos barreiras de contato, função alfa, a fim de mediatizar a vida. Pelo vínculo amoroso capaz de conter o terror para quando retornar mitigado, envolve então o sujeito acolhendo desamparo, produzindo pensamento. Quando o continente falha em conter a ansiedade, ou o conteúdo demasiado intencido, a violência das emoções extravasa. O sistema de continência do psiquismo não consegue criar o tempo suficiente para devolvê-lo mitigado, temos o terror. Se o pensamento tem sucesso, o continente encontra um diâmetro adequado para uma realização, se produz o vínculo,

do pensamento resultante da estética, a sensorialidade se organiza sob a ética. Quando acontece, a vida ganha sentido e vencemos, pelo menos por um momento, a morte. O sonho que nos sonha através do outro, mente primitiva em contato com mente materna, transcende o corpo. Pensamentos oníricos, sonhos e mitos que nos constituam. Somos feitos da mesma matéria dos sonhos.

Quando o sistema onírico falha, a barragem se rompe como aconteceu no Brasil, os dejetos se espalham destruindo a vida, o terror se apresenta e produz o desespero e o desamparo. Acaba-se a vida. A Peste entra em cena rompendo as nossas certezas. Mostra a face que não queremos ver de nós mesmos.

A PESTE DE ARTAUD

Em "O teatro e a peste", Antonin Artaud descreveu os efeitos da peste que assolou a Sardenha, em 1720, depois Beirute e, um mês após, Marselha. A mesma peste – segundo ele – atacou Florença em 1347 e foi registrada em Decameron. Houve peste no Egito e na cidade sagrada de Mekao, no Japão, em 660 a.C.; na Provence, no ano de 1502. Qual o sentido para aquele flagelo? Artaud considera a peste como um instrumento direto da fatalidade. Ela ataca os órgãos que dependem diretamente da consciência e da vontade. Desse modo a peste de Artaud se manifesta naqueles lugares onde a vontade humana, a consciência e o pensamento estão a um passo de se manifestar. Estabelecida a peste, a cidade desmorona e as estruturas se revelam na sua maior intimidade. Surgem as fogueiras para a queima dos mortos. Os últimos sobreviventes se exasperam. O filho, até então submisso e virtuoso, mata o pai; o libertino torna-se puro; o avarento joga dinheiro pela janela e assim sucessivamente. E essa força que confere à peste o caráter de epidemia é requisitada por Artaud como o projeto de um teatro. A desorganização torna-se, paradoxalmente, força espiritual. Obriga a pessoa a ser aquilo que sempre deveria ter sido se não fosse a banalidade das coisas. O reprimido, o recusado e o negado seriam superados. O desejo venceria sobrepondo-se ao social, uma vez que na Peste, se as regras sociais se alterarem, os valores humanos precisam ser repensados. Ao revelar sua organização íntima e estruturante, a morte obriga uma reação. Restam elementos dispersos configurando novas combinações.

Noutro trabalho, estabeleci vínculos entre a psicanálise, o teatro e a peste como cenários essenciais de transformação e radicalidade resultante do conflito trágico do corpo com os sonhos. O caos da peste se traduz numa turbulência emocional que desafia a existência. E este Enigma não permite recuo. A psicanálise e a peste partilham a função de reorganizar o conjunto dos desejos. O mito criado por Artaud se escande com o mito edípico. Articula a limitação, a castração, que se potencializa na cesura da morte.

O mito edípico alavanca a nossa singularidade radicalizada na peste. O plural e o singular simultaneamente.

A PESTE DE FREUD

A peste, tal qual a que Freud supostamente teria sussurrado num pensamento em voz alta para Ferenczi e Jung ao desembarcar do navio em Nova Iorque, expressa a surpresa dos festejos pela sua chegada. Teria dito “eles não sabem que lhes trago a peste?”. A despeito das controvérsias se esta frase foi efetivamente dita ou não, há uma verdade de algo que sempre esteve presente, pouco reconhecido e transformador. Estamos diante da invisibilidade das coisas e à psicanálise cabe dar voz ao silenciado. O mundo estruturado e sólido se desmancha no ar. A brutalidade das coisas e a violência de um simples vírus devoram vida, derrubam bolsa, destroem o cotidiano. Rompida a sólida arrogância, expõe-se nossa pobreza de recursos. A peste vem e samba na cara da nossa ilusão, revela a identidade atrás da máscara. O coronavírus é mais uma peste dentre muitas que a humanidade enfrentou. A diferença é que agora somos nós que a enfrentamos e esperamos permanecer vivos para contar esta história.

VÍRUS

Bion já havia previsto que o grande combate não seria contra grandes adversários, mas o enfrentamento de algo minúsculo e invisível, de um vírus. A palavra vírus, do latim, significa veneno. Para a ciência, temos que alguns consideram vírus como o único ser vivo acelular. Para outros, no entanto, não seria um ser vivo, pois carece de metabolismo próprio. Há uma indecidibilidade. O que é a vida, então, é uma questão sempre viva. E mortal. O que temos por certo é um embate dentro do sistema seletivo de Darwin, no qual o ser mais primitivo se confronta com o mais evoluído. E a complexidade permeia ambos.

Uma complexa organização proteica, articulação de vinte aminoácidos, constitui estruturas que guardam dentro de cada um de nós um código genético que visa à replicação ad infinitum. A matéria viva anseia pela imortalidade. Do mesmo modo o vírus também visa à replicação e, para isso, se vincula parasitariamente a uma célula. Começa o trabalho do replicador. Não é muito diferente da célula cancerosa. O vírus, porém, obedece a uma regra de ouro da seleção natural. Será mais potente quanto mais contaminar e menos matar. Os vírus que matam o hospedeiro morrem junto. Quando isso acontece, ele já contaminou muitos outros. Não seria um bom negócio, na corrida pela sobrevivência, matar o hospedeiro, a galinha de ovos de ouro. Na Covid-19 a combinação, no entanto, se revela devastadora, devido ao contágio impressionantemente alto e, mesmo com uma letalidade baixa, à mortalidade que ganha uma estatística estrondosa.

O impacto emocional do vírus no sujeito demanda entendimento. O vírus repete algo de nossa origem. A vida começou com um pedaço de RNA ocasional, recoberto com lipídios, que encontrou uma membrana e a partir daí começou a se reproduzir. O processo evolutivo que parte do mais simples elementar em direção a seres vivos complexos. A origem da vida, o RNA primordial, o coacervado do caldo primitivo, da sopa primordial de aminoácidos essenciais movidos por um tropismo celular, moléculas que se articulam no início do processo da vida. O confronto entre o vírus e o humano revela o circular.

Humanos, no ápice da pirâmide da vida, confrontados com um pedaço de RNA que forma a base mais primitiva dos processos vitais. O terror resultando desta circularidade se revela extraordinário, pois defronta o homem com a origem e fim da vida. Pulsão de vida, urgência em existir, e pulsão de morte em confronto direto e manifesto. A peste nós aterrorizamos, pois nos coloca frente à frente com o duplo viés da cena primária, a não vida prestes a adquirir vida, e ao mesmo tempo com a cena final, o homem lutando por ar e luz na solidão da morte. Observadores aterrorizados assistindo o Big Bang conjugado com o Big Crash. O estrondo da cena primária e o silêncio da morte, no mesmo instante eterno.

Dupla cena de terror. A evolução que as espécies realizaram ao longo de milênios, a visão da pró-cena primitiva da humanidade e o contato com a marca da morte internalizada. A cesura evolutiva do homem e a natureza, e a cesura da vida e o não vivo. Vírus em sua função espelho do humano nos apresenta o limite da vida. O impressionante simulacro da cena primeira e derradeira. Início-fim de um tempo.

CONFINAMENTO E IMOBILIDADE

Tal qual o Homem dos Lobos somos despertados por uma cena sexual e mortal. Inesperada e previsível. A visão transborda, rompe a capacidade e absorve. Desde o inconsciente o processo onírico tenta dialogar com os fatos. Diante do traumático nos quedamos imobilizados pela violência das emoções primitivas, pelo impacto da crueldade do desejo de sobreviver e pela cena primária em si, tão invisível e molecular. Visão assustadora: nós somos o vírus e ele é nosso elo perdido. Lobos nas árvores. Só que desta vez como fenômeno coletivo e o lobo pode ser o homem como lobo de si mesmo.

Imobilizado e perseguido. Não posso ver o que enxergo.

TRAUMA

O caráter traumático da cena ultrapassa nossa capacidade de metabolizá-lo. A violência das emoções primitivas ultrapassa nossa capacidade de contenção. Já do lado de fora, no social, o excesso ultrapassa a capacidade do sistema de saúde de cuidar dos contaminados. Faltam leitos, faltam equipamentos de proteção, faltam respiradores, ficamos sem ar. O dentro e o fora em contraste.

Para a Covid-19 não faltam hospedeiros para emprestar um metabolismo no qual possa se replicar. Sua sobrevivência depende do vínculo parasitário. Para a mente primitiva de um humano há outro imperativo, pois, além de corpo necessário, urge encontrar um sonho que nos contenha. Para sobreviver o humano precisa da mente materna para dela extrair a matéria vida invisível que vai constituí-lo sonhador que sonha o sonho. Entre o metabolismo e o mental vivemos tempos de excesso de realidade. Os fatos nos afogam, demandam respiradores o tempo todo. A intensidade excede a capacidade de compreender e representar. O narrador se encontra sem ferramentas para dar conta do tamanho da história. O conteúdo se expande a ponto de romper o continente. Há impossibilidade de se autorrepresentar, a não ser parcialmente, não todo, resta o fragmentado, dissociado, facetado. A complexidade do pensamento feito de contrastes e paradoxos.

O ÉDIPO ELEMENTAR

Uma das características da pós-modernidade é a extrema singularidade do modo de lidar com a vida. A pós-modernidade, o efeito da fragmentação do pensamento e a segmentação das escolas, especialmente em psicanálise, produzem uma falsa sensação de unidade. A unidade presente, porém, não mais com narrativa soberana. A unidade perdida desampara. Assim, se o edifício edípico de Freud sofreu uma ampliação, a idade de quatro anos sustentada por ele segue válida, tanto que cabe um mais além. O acréscimo de vivências anteriores em pensadores como Melanie Klein e Jacques Lacan, que antecipam o início do processo. Bion, por sua vez, desloca o eixo edípico do crime sexual para o conhecimento. Seria o Édipo epistemológico no qual a sexualidade serve para atingir o conhecimento tanto quanto o conhecimento serve para a descoberta da sexualidade. Há um indecidibilidade, uma impossibilidade de fechar as narrativas. A configuração edípica se constitui numa ferramenta de realizar combinações a serviço do sujeito. Não ocorre aos quatro anos nem aos seis meses. Acontece cada vez que combino um símbolo com outro e constituo um significado. Desde os inícios dos tempos, ao associar imagens a sons, até hoje, quando letras se somam formando sílabas, aquilo que constitui as concepções não é maior do que um vírus. O acasalamento torna-se, por esta perspectiva nuclear, tão elementar que está presente em todas as partes, combinação de letras para formação de sílabas, a narrativa formada de vogais, consoantes e pausas. A verdade se aplica no interstício das palavras.

Personificada durante a quarentena com a infinidade de palavras jogadas no ar para conter a propagação do vírus, converte-se na peste dentro da peste.

MATRIX DA PESTE

Neste mundo caótico comandado pelo invisível do poder, a verdade entra em choque com as versões. A peste torna-se conflito de narrativas. O obscurantismo de onipotência se defronta com a insegurança do conhecimento. Retorna o desamparo. A pandemia torna-se um pandemônio. As palavras perderam o rumo, comunicam tudo menos aquilo que deveriam comunicar. A nova infecção e contágio. A viralização do discurso, falsificado, ideologizado e obtuso, transforma palavras como democracia, liberdade, verdade em seus opostos. Mudam de sentido dependendo da boca que as enuncia, principalmente pelos fanáticos. O fanatismo transforma restos sem valor do discurso em máximas, aporias eternas, superioridade psicótica. Liberdade é escravidão como na parábola de George Orwell no romance 1984. Matrix mental do controle programado. No filme de Lilly e Lana Wachowski tem-se a opção de uma pílula que aceita a realidade simulada como real ou outra revelando a realidade na sua verdadeira essência.

A palavra chegando e matando a coisa e a coisa insistindo em não morrer em cada palavra. A expansão de pensamentos-vírus desafia o pensamento psicanalítico para horizontes ainda não investigados. A quantidade absurda de vídeos, imagens e sonoras que replicamos todos os dias nos nossos celulares reflete que nossos pensamentos não são produto de um trabalho de pensamento reflexivo. O impulso de replicar contágio, pensamentos infectados por convicções se acumulam na memória do celular e afetam a nossa mente. O vírus biológico tem um espelho, o vírus mental. A subversão da lógica desperta supostos de luta e fuga e pensamento mágico para lidar com nosso desamparo.

Restam no meio do cenário destroços psíquicos e vítimas do autoritarismo, a impossibilidade de acessar a verdade. Impera a mentira. A pós-verdade se refere à impossibilidade de acessá-la. O contrário de uma verdade profunda não é uma mentira, e sim outra verdade profunda, conforme afirmou o físico dinamarquês Niels Bohr.

Subvertendo o sistema, a verdade em tempos de pandemia é usada como certeza. Formam-se crenças que afirmam sua superioridade. Estamos perante uma forma mais letal do que o coronavírus, estamos cara a cara com a Autoverdade.

O não pensamento carregado de Autoverdade não aceita debate, é antidemocrático por excelência. Basicamente se isola no castelo de um saber ilógico e psicótico, serve perfeitamente para substituir o pensamento por um simulacro. A lógica perversa com figurino falso de ciência. Seu efeito torna-se, por isso mesmo, ainda mais virulento. Obscurece as soluções e o debate. Esta guerra de informações e onde se joga a falácia das soluções mágicas.

Se, por um lado, a verdade é inacessível e repleta de incógnitas, permeada pelos buracos da nossa ignorância, por outro, a mentira é o cimento das coisas, é lisa, suave, desce redondo, digesta mas estéril. Esteriliza as possibilidades e possibilidade é sinônimo de humano. Gesta o demônio dentro de cada um de nós. O sujeito se vê indefeso num mundo bombardeado por um discurso inflamatório das falsas versões.

Toda doença, fisicamente falando, produz um efeito inflamatório nos tecidos. Seja infecção, trauma, corte, ferimento, alergia ou qualquer outra causa. Na mente o discurso sofre da mesma vicissitude inflamatória. Ansiedade, depressão, voracidade, egocentrismo, inveja e outros estados mentais, em especial a arrogância, também produzem inflamação. Um discurso contém tanto uma inflamação quanto uma informação. Ou as duas juntas. Pode ser uma linguagem renovadora quando tem êxito de estabelecer equilíbrio entre forma e conteúdo. O quantum de emoção e afeto produz uma experiência emocional passível de ser compartilhada. A vivência ganha uma forma, quase poética, que transmite e sustenta o afeto providente do solidariamente vivido.

Já a falsidade do discurso produz inflamação. Ausência de movimento mental, rigidez psíquica. Este enrijecimento do material narrativo ocorre devido a preconceitos inseridos na narrativa. A mentira e juízos morais se infiltram produzindo uma inflamação retórica que, se fica rígida, pétreia, inacessível, perde a flexibilidade do pensamento. A argumentação anti-inflamatória é pífia perante o estrago da inflamação. E leva ao colapso dialógico. Simplifica o material castrando a complexidade e retirando da cena o sabor do conhecimento. Cria oposições fictícias que se estabelecem na inércia. Ao se dizer e desdizer, cria confusão. Consolida a ignorância como superior ao conhecimento, a psicose como superior à razão e a crueldade sobre o afeto. A ação prescinde do pensamento. A construção sem projeto leva a fibrose social, dor, censura e ressentimento.

A cesura do pensamento responsável pela flexibilidade agora enrijecida se transforma em cicatriz fanática. O fanatismo é o campo das crenças. O não pensamento resultante é tão contagioso quanto o vírus. É recebido sem reflexão e passado adiante ao toque involuntário do dedo indicador. Indicando a ausência de reflexão e pondo em ação a cadeia replicante. A mentira inflama e replica tanto o não pensamento quanto o não pensar.

Uma sociedade que cultiva esta narrativa inflamatória não infla os afetos nem se inflama de paixão. Inflexível, estaca o gesto em pleno instante do encontro. Ao corpo social imobilizado resta a fisioterapia dum afeto suposto e imaginado, sonhado na delicadeza reticular do pensamento para, a partir daí, do sonho coletivo construir pequenas vitórias sobre a inércia, mas o dano ao sistema mental pode já ter ocupado uma parte importante do tecido social e por isso é bem provável que algo já esteja sob a ótica irremediável do irreversível. A mentira não reflexiona, replica apenas. É um vírus. Refletir ou replicar, eis a questão.

A PSICOPATOLOGIA DA PESTE

A pandemia desencadeia o melhor e o pior de cada segmento pessoal e social da humanidade. O sujeito já fragmentado pelos fenômenos do pós-moderno se agudiza em sua cisão interna e revela que a ilusão de unidade era um delírio de retorno do impossível. À medida que a unidade perdida se manifesta, revelam-se as forças mais primitivas e indomadas. A impossibilidade de diálogo entre o pior e o melhor produz lógicas próprias que não dialogam entre si. A psicanálise do pós-pandemia se descortina sobre nós na forma de desafio. Recuperar uma ética humana para humanos, a narrativa pós-dramática nos envolve democratizando o protagonismo e pode desconcertar ao revelar a essência do inacessível que nos constitui.

Ao despertarmos de um sonho/pesadelo, temos história pela metade, uma narrativa em andamento e nada sabemos do roteiro, a não ser das ruínas de um mundo idealizado pela onipotência e do narcisismo. No lado de fora do nosso isolamento vislumbramos entre brumas e oferendas a primeira cena de Édipo de Sófocles. A peste/pandemia nos acorda do sonho de unidade narcísica, o espelho se quebra, e as mil faces do destino pedem decifração. Este processo a decifrar nos leva à esfinge, ao oráculo, expõe, por fim, a descoberta de quem realmente somos. A identidade revelada, por sua vez, não parece apaziguar. Novas esfinges se apresentam ad infinitum na fatura do sujeito, carregando partes não nascidas da personalidade, abortos e rascunhos deixando aparecer o pior e o melhor. A psicanálise teria a função de lidar com isso, pois o pior e o melhor presentes no sujeito não mais indivíduo parece ser uma plêiade de fatores sem conexão com função alguma, apenas com lógica própria. Cada segmento carrega suas próprias regras. As tribos do pós-moderno estruturando segmentos com leis próprias. A lógica do gueto não é reconhecida pelo todo e tampouco se reconhece. Os fragmentos convivem sem perceber o outro, não é visto, não vê, não ouve nem escuta e conseqüentemente não se sente vivo e a vida não tem valor. Não dialogam, lutam. A morte no lado de fora ressoa na sombra da morte dentro. O trabalho de viver é o trabalho do luto, e a luta ainda não terminou. Aqui a psicanálise da pós-pestes tem seu lugar do impossível. Psicanálise do homem pós-pandemia é o exercício mais além do real, no âmbito estético e ético. A interpretação abrange o universo sensorial, histórico e emocional. Deve conter os elementos da arte, na medida em que nos retira do mundo e nos devolve noutro mundo mais além, mas não necessita ser arte. Não se trata de fazer poesia no consultório, mas preservar a poesia no pensamento e que a interpretação contenha um poder de alcance, mudança e espanto. A psicanálise estética é a pós-psicanálise, ponte que resta para sustentar os diálogos entre humano e não humano e que nos salva de perder aquilo que nos constitui. A humanidade não é uma conquista definitiva. O que se construiu pode ser perdido. É isso que a Covid-19 nos convida a pensar sobre nossa estrutura elementar.

O desafio da psicanálise destes tempos se revela como um grande quebra-cabeça, assim como este trabalho, em que as peças que restaram se encaixam formando pequenas imagens, transitórias, de solidariedade e amor e amizade e parceria, e, entre elas, se produzem buracos, estes definitivos, expondo uma infinidade de peças faltantes, perdidas para sempre, que, no entanto, nos constituem. Resta saber quanto estes buracos negros da morte, dos nossos amores perdidos, poderão resultar numa supernova e, no movimento paradoxal da esperança, iluminar novos caminhos. Transformar autoverdade totalizante na verdade parcial nossa de cada dia, eis a questão. Um rascunho de uma psicanálise estética para o pós-homem. Estamos apenas no começo, espero chegar lá, pois o vírus e o homem partilham da mesma natureza, unidos no impulso de sobreviver. O que nos separa é a cesura da evolução. Do mesmo modo, entre o homem pré-pandemia e o pós-pandemia se produz um salto. A catraca evolutiva, tanto quando emocional, psíquica e social, pode ser observada. Num ponto do espectro, vemos o humano desde seus precários inícios agora parado no início de 2020, sob a sombra da Peste, e, em outro, o movimento daquilo que ainda não pousou, suspenso na cesura evolutiva, à espera do resultado da mutação. Como alguém que atravessando o córrego dos tempos tem um pé pousado na pedra firme do passado e outro ainda no ar, ainda suspenso, expectante entre terror e êxtase, buscando ponto de apoio onde possa firmar, mesmo que provisórias, novas bases do sonho de ser. Humano, por certo, incerto, no entanto.

REFERÊNCIAS

- Artaud, A. (1984). O teatro e seu duplo. São Paulo: Max Lemonad.
- Bion, W. R. (1982). La tabla y la cesura. Buenos Aires: Gedisa.
- Bion, W. R. (2004). Elementos em psicanálise (2. ed.). Tradução de Jayme Salomão. Revista por Ester Hadassa Sandler e Paulo César Sandler. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (2004). Transformações: do aprendizado ao crescimento (2. ed.). Trad. Paulo César Sandler. Rio de Janeiro: Imago.
- Brodie, R. (1996). Virus of mind. [S.l.]: Integral Press.
- Chuster, A. et al. (1999). W.R. Bion: Novas Leituras – Vol. I. A psicanálise: dos modelos científicos aos princípios ético-estéticos. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Chuster, A. et al. (2003). W.R. Bion: Novas Leituras – Vol. II. A psicanálise: dos princípios ético-estéticos à clínica. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Conte, J. (1994). “O teatro, a psicanálise e a peste”. Revista Percurso. Instituto Sedes Sapientiae, ano VII, Nº 13, pp. 47-52.
- Conte, J. (1997). Cadernos de Bion I. Rio de Janeiro: Imago.
- Conte, J. (1999). Cadernos de Bion II. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1917-1920). Homem do Lobos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Shakespeare, W. (1997). Hamlet. Porto Alegre: L&PM Pocket.
- Sófocles (1998). Édipo Rei. Porto Alegre: L&PM Pocket.
- Sor, D. (2014). Fanatismo. [s. l.: s. n.].
- Stitzman, L. (2011). Entrelazamiento. Valencia, Espanha: Promolibro.